

Arquitetura e Urbanismo: Competência e Sintonia com os Novos Paradigmas do Mercado

Bianca Camargo Martins
(Organizadora)



Bianca Camargo Martins
(Organizadora)

Arquitetura e Urbanismo: Competência
e Sintonia com os Novos Paradigmas do
Mercado

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Natália Sandrini
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
A772	Arquitetura e urbanismo [recurso eletrônico] : competência e sintonia com os novos paradigmas do mercado / Organizadora Bianca Camargo Martins. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-485-6 DOI 10.22533/at.ed.856191807 1. Arquitetura. 2. Planejamento urbano. 3. Urbanismo. I. Martins, Bianca Camargo. CDD 720
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

É com muita alegria que, a convite da Editora Atena, apresento a primeira edição do livro “Arquitetura e Urbanismo: Competência e Sintonia com os Novos Paradigmas do Mercado”. Esta edição, composta por 23 capítulos, apresenta experiências das mais diversas áreas da arquitetura e do urbanismo, como: arquitetura, planejamento urbano, tecnologia e preservação do patrimônio cultural.

Um dos temas amplamente discutidos aqui é a preservação da paisagem como patrimônio cultural. Desde 1992, quando a Unesco incluiu a paisagem cultural como bem passível de preservação, inúmeros estudos e pesquisas mostram a importância da discussão do tema no território nacional. Porém, a valorização e o fomento à proteção da paisagem como bem cultural ainda é um grande desafio a ser enfrentado pelas políticas públicas nacionais.

Assim, o foco do presente livro é mostrar a importância e a amplitude da discussão sobre o papel social da arquitetura e do urbanismo contemporâneo. Os textos aqui contidos são um convite à reflexão e reúnem autores das mais diversas instituições de ensino superior do Brasil, sejam elas públicas ou privadas, que socializam o acesso a estas importantes pesquisas e reflexões.

Acredito que os trabalhos aqui apresentados são de grande relevância para o meio acadêmico. Boa leitura!

Bianca Camargo Martins

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
LIÇÕES DA ESCOLA DE SOCIOLOGIA DE CHICAGO PARA A PESQUISA URBANA CONTEMPORÂNEA NO BRASIL	
Linda Maria de Pontes Gondim	
DOI 10.22533/at.ed.8561918071	
CAPÍTULO 2	13
PORTO DO AÇU: UMA ANÁLISE DE CONTEÚDO DAS NOTÍCIAS NA MÍDIA IMPRESSA REGIONAL	
Dayanne Vieira Maia	
Rosélia Perissé da Silva Piquet	
DOI 10.22533/at.ed.8561918072	
CAPÍTULO 3	26
A ATUAÇÃO DO SETOR PRIVADO NOS SISTEMAS DE ABASTECIMENTO DE ÁGUA EM MARINGÁ-PR: CONFLITOS E REPERCUSSÃO NA ESTRUTURAÇÃO DO TERRITÓRIO	
Leonardo Cassimiro Barbosa	
DOI 10.22533/at.ed.8561918073	
CAPÍTULO 4	42
AGRICULTURA URBANA: UMA FORMA DE INTERVENÇÃO SUSTENTÁVEL	
Talissa Fernanda Bussacro Serafin	
Elisiana Alves Kleinschmitt	
DOI 10.22533/at.ed.8561918074	
CAPÍTULO 5	53
O MEIO FÍSICO COMO CONDICIONANTE NO PROJETO DE IMPLANTAÇÃO URBANO-PAISAGÍSTICA	
Eder Donizeti da Silva	
Adriana Dantas Nogueira	
DOI 10.22533/at.ed.8561918075	
CAPÍTULO 6	68
PAISAGEM CULTURAL NA CONSTRUÇÃO DO CONCEITO	
Jefferson Eduardo da Silva Morales	
Georgia Patrícia da Silva Ferko	
Graciete Guerra da Costa	
Elizabeth Melo Nogueira	
DOI 10.22533/at.ed.8561918076	
CAPÍTULO 7	79
METODOLOGIAS DE ANÁLISE DA PAISAGEM URBANA	
Elisiana Alves Kleinschmitt	
DOI 10.22533/at.ed.8561918077	

CAPÍTULO 8	91
PAISAGEM CULTURAL E PAISAGEM SONORA HISTÓRICA: DOS SONS DO PASSADO NA IDENTIDADE DO PATRIMÔNIO	
Rodrigo de Almeida Spinelli Pinto	
Ernaní Simplício Machado	
Miriam Carla do Nascimento Dias	
DOI 10.22533/at.ed.8561918078	
CAPÍTULO 9	101
FORMAS DE IDENTIFICAÇÃO DE ELEMENTOS DA PAISAGEM CULTURAL: METODOLOGIA APLICADA EM ITAGUAÇU – ES	
Amanda Guimarães Meneses	
DOI 10.22533/at.ed.8561918079	
CAPÍTULO 10	113
BUENOS AIRES E A HABITAÇÃO OBREIRA PERONISTA: <i>BARRIO 17 DE OCTUBRE</i>	
André Luis Rodrigues Bering	
Nara Helena Naumann Machado	
Raquel Rodrigues Lima	
DOI 10.22533/at.ed.85619180710	
CAPÍTULO 11	125
PAISAGEM CULTURAL NO CONTEXTO POLÍTICO-ADMINISTRATIVO DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO	
Claudio Antonio Santos Lima Carlos	
DOI 10.22533/at.ed.85619180711	
CAPÍTULO 12	137
A FERROVIA E SEUS CAMINHOS NO DESENVOLVIMENTO URBANO	
Adriana Cristina Gonçalves Sousa	
DOI 10.22533/at.ed.85619180712	
CAPÍTULO 13	149
A PAISAGEM CULTURAL DO ENGENHO CENTRAL DE PIRACICABA NA DINÂMICA FABRIL DA CONSTRUÇÃO E RECONSTRUÇÃO	
Marcelo Cachioni	
DOI 10.22533/at.ed.85619180713	
CAPÍTULO 14	162
INTERVENÇÕES URBANAS: OS ESPAÇOS PÚBLICOS NA PAISAGEM CULTURAL RIBEIRINHA DA VILA ELESBÃO (AP)	
Luana Marques Vieira	
Guilherme Pantoja Alfaia	
Victor Guilherme C Salgado	
DOI 10.22533/at.ed.85619180714	
CAPÍTULO 15	175
A PRESENÇA ESLAVA NA CONSTRUÇÃO DA PAISAGEM ARQUITETÔNICA DA ZONA DA MATA RONDONIENSE – BRASIL	
Janina Maria de Paula	
DOI 10.22533/at.ed.85619180715	

CAPÍTULO 16	188
O BAIRRO POTI VELHO EM TERESINA-PI: PERSPECTIVAS DE PROTEÇÃO DA PAISAGEM CULTURAL	
Mariana Monteiro Scabello	
Andréa Lourdes Monteiro Scabello	
Marina Brito de Oliveira Marques	
Marjorie Brito de Oliveira Marques	
DOI 10.22533/at.ed.85619180716	
CAPÍTULO 17	200
RUA DO HORTO: RELIGIÃO E A FORMAÇÃO DE UMA PAISAGEM CULTURAL	
Marília Jerônimo Costa	
Sarah Brandeburski Farias	
Gabiella Donato de Oliveira Lima	
Jussara Bióca de Medeiros Timótheo	
DOI 10.22533/at.ed.85619180717	
CAPÍTULO 18	213
VIA-PARQUE DAS GRAÇAS: CONSTRUÇÃO DE UM ESPAÇO SOCIAL	
Marcela Correia de Araujo Vasconcelos Zulim	
DOI 10.22533/at.ed.85619180718	
CAPÍTULO 19	224
DESENVOLVIMENTO DA PAISAGEM URBANA: RADIAL AVENIDA JOÃO PESSOA, PORTO ALEGRE – RS	
Cristiane dos Santos Bitencourt Schwingel	
Raquel Rodrigues Lima	
DOI 10.22533/at.ed.85619180719	
CAPÍTULO 20	236
MUITO ALÉM DO EMBELEZAMENTO	
Raquel Silva dos Santos	
Ana Elisabete de Almeida Medeiros	
DOI 10.22533/at.ed.85619180720	
CAPÍTULO 21	250
CARTOGRAFIA SOCIAL DA PAISAGEM CULTURAL DO MUNICÍPIO DE IRAQUARA - BA: SUBSÍDIOS PARA O PLANEJAMENTO TERRITORIAL PARTICIPATIVO	
Luciana Almeida Santos	
Fábio Pedro Souza de Ferreira Bandeira	
DOI 10.22533/at.ed.85619180721	
CAPÍTULO 22	264
CONTRIBUIÇÃO DA TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO NA DIVULGAÇÃO DE MONUMENTOS CULTURAIS EM COLATINA	
Wellington Gomes da Silva	
Ana Lucia Reis Melo Fernandes da Costa	
DOI 10.22533/at.ed.85619180722	

CAPÍTULO 23	278
CENTRO CULTURAL FILÉ DA BARRA: ANTEPROJETO DE UM ESPAÇO CULTURAL E DE LAZER O PARA O BAIRRO DO PONTAL DA BARRA EM MACEIÓ – AL	
David Alves de Andrade Alexandre da Silva Sacramento	
DOI 10.22533/at.ed.85619180723	
CAPÍTULO 24	291
ANÁLISE ESPACIAL DE VISIBILIDADE APLICADA A GESTÃO DA PAISAGEM CULTURAL REMANESCENTE DOS CAMINHOS DE TROPAS NA REGIÃO DA COXILHA RICA, SANTA CATARINA	
Edenir Bagio Perin Adolfo Lino de Araújo Flavio Boscatto	
DOI 10.22533/at.ed.85619180724	
SOBRE A ORGANIZADORA	303
ÍNDICE REMISSIVO	304

A PRESENÇA ESLAVA NA CONSTRUÇÃO DA PAISAGEM ARQUITETÔNICA DA ZONA DA MATA RONDONIENSE – BRASIL

Jania Maria de Paula

Instituto Federal de Educação de Rondônia –
campus Ji-Paraná
Ji-Paraná/RO

RESUMO: Do ponto de vista sociocultural, o Estado de Rondônia pode ser concebido como “colcha de retalhos”, resultante de ações individuais do ato de migrar, mas determinadas pelas ações institucionalizadas do Estado em garantia aos interesses do capital. Em diferentes temporalidades históricas as populações locais foram colocadas em contato com as populações migrantes. Contudo, o movimento migratório dirigido a Rondônia intensificou-se a partir de 1970, quando a região foi “tomada” por levas migratórias oriundas principalmente do estado de Paraná. A abertura da rodovia BR-364 no início dos anos de 1980, intensificou a entrada desses migrantes que a partir dessa via tiveram acesso à região da Zona da Mata Rondoniense. Muitos desses migrantes são paranaenses de origem eslava, principalmente os descendentes de poloneses e de ucranianos. Trata-se de um grupo de origem camponesa que tem na relação com a terra e nas migrações os componentes de sua trajetória de vida, carregam um histórico de diásporas iniciado por seus antepassados vindos ao Brasil no final do século XIX. Na construção da paisagem geográfica reproduzem

a organização do espaço embasados nos antigos padrões culturais trazidos de suas regiões de origens. Neste sentido, a paisagem arquitetônica da região traz concretas evidências da presença eslava em sua construção, como as “casas de polaco”, as construções em madeira, ou os lambrequins como elemento de decoração, entre outras características. Da mesma forma, nas propriedades rurais é possível ainda observar o emprego de técnicas eslavas, evidenciando como os elementos culturais são norteadores para a produção de uma paisagem geográfica.

PALAVRAS-CHAVE: Eslavos; *Habitus*. Paisagem cultural.

THE ESLAVA PRESENCE IN THE CONSTRUCTION OF THE ARCHITECTURAL LANDSCAPE OF THE ZONA DA MATA RONDONIENSE - BRAZIL

ABSTRACT: From the sociocultural point of view, the State of Rondônia is like a “patchwork quilt”, resulting from individual actions of the act of migrating, but determined by the institutionalized actions of the State in guarantee to the interests of capital. At different historical times, local populations were brought into contact with migrant populations. However, migratory movements directed to Rondônia intensified

from 1970, when the region was “taken” by migratory waves coming mainly from the state of Paraná. The opening of the BR-364 highway in the early 1980s intensified the entry of those migrants who from this route had access to the region of Zona da Mata Rondoniense. Many of these migrants are from Paraná, mainly descendants of Poles and Ukrainians. It is a group of peasant origin that has in the relation with the land and in the migrations the components of its life trajectory; carry a history of diasporas initiated by its ancestors coming to Brazil in the end of century XIX. In the construction of the geographical landscape, they reproduce the organization of space based on the old cultural standards brought from their regions of origin. In this sense, the architectural landscape of the region brings concrete evidences of the Slavic presence in its construction, as the “polish houses”, the constructions in wood, or the woodcuttings like element of decoration, among other characteristics. In the same way, in the rural properties it is still possible to observe the use of Slavic techniques, evidencing how the cultural elements are guiding for the production of a geographical landscape.

KEYWORDS: Slavs; Habitus. Cultural landscape.

1 | INTRODUÇÃO

Em fins do século XIX, as populações de origem camponesa das atuais Polônia e Ucrânia envolveram-se em um intenso movimento diaspórico dirigido ao continente americano. Para cada família atingida pela diáspora, a viagem seria sem retorno, empreendida inicialmente a pé ou em carroções, depois em trens que cruzavam longitudinalmente a Europa e por fim o embarque em imensas máquinas a vapor que atravessavam o Atlântico entre anos finais do século XIX e início do XX. O que levaria pessoas, famílias, ou mesmo aldeias inteiras a lançarem-se em tamanha aventura até desembarcarem em portos brasileiros?

Na Europa os avanços técnicos provocados pela Revolução Industrial, atrelados à ideia de progresso suscitaram mudanças substanciais no campo, como a expropriação da terra, que colocavam em xeque o modelo tradicional camponês (WOLF, 1976; KAUSTKY, 1996; GUZMÁN e MOLINA, 2013).

No Brasil, a conjuntura política e econômica do século XIX não sustentava mais o velho modelo de exploração colonial, marcando o declínio da produção do açúcar, do algodão e da mineração com a liberalização da mão de obra escrava e que em tese representava a inserção do país na “era da modernidade”.

Os picos de imigração se deram no momento histórico da troca do trabalho escravo pela mão de obra livre, que juntamente com o desenvolvimento de políticas para o “branqueamento da população” e a formação de uma classe média de pequenos agricultores, também seriam responsáveis pela proteção das fronteiras no sul do Brasil. Além do papel político e estratégico, a imigração europeia deveria contribuir ainda para a produção de mercadorias, para a formação de um mercado consumidor, inclusive de importados, para a valorização da terra enquanto mercadoria e para definir as novas

relações de produção na economia regional (SAQUET, 2010).

Nesta conjuntura, os imigrantes eslavos foram atraídos para a Província do Paraná. Sua vinda foi fomentada pelo governo local com o objetivo de desenvolver ali uma divisão cultural do trabalho, não reconhecida pelas autoridades junto à população nativa.

No decurso do tempo, as populações migradas imprimiram no Paraná uma identidade eslava facilmente percebida na construção do espaço geográfico local onde se faz presente o *habitus* camponês eslavo (BOURDIEU, 2012). As características identitárias continuam sendo manifestadas pelos seus descendentes, quer nas relações sociais mais reservadas, quer na organização da paisagem arquitetônica, dentre outras.

A modernização agrícola do espaço geográfico paranaense, na segunda metade do século XX, atingiu uma significativa parcela dessa população de descendentes de eslavos, que envolvidos em conflitos agrários semelhantes aos seus antepassados na Polônia e Ucrânia, vivenciaram a condição de expropriados da terra e de sua força trabalho. Para tentar subsistir em seu modo de vida camponês, a opção mais viável seria a migração, parte desse grupo escolheu Rondônia para construir seu novo território.

Em seu imaginário, o recém-criado estado de Rondônia acenava com a possibilidade de concretizar o desejo de retorno à terra, ou em adquirir maior quantidade dela e afastar, dessa forma, a chance de possíveis dificuldades financeiras futuras.

Ao seu tempo, as políticas governamentais para a ocupação de Rondônia, novamente adotaram o comportamento ideológico do Estado sobre o modelo de migrante ideal para ocupar as novas áreas. O Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária – INCRA, passou a incentivar a vinda de camponeses paranaenses para ocupar as terras dos projetos de colonização, imprimindo assim, na Amazônia Meridional, a concepção de produção do espaço geográfico e da paisagem arquitetônica semelhante aos padrões dos estados do Sul.

Este texto apresenta um recorte da tese de doutoramento *Nossa terra em outras terras: os descendentes de eslavos na Zona da Mata Rondoniense*, teve como recorte geográfico, os municípios de Rolim de Moura, Nova Brasilândia do Oeste e Novo Horizonte do Oeste, que juntamente com outros quatro municípios compõem a região administrativa Zona da Mata Rondoniense. A área escolhida para a pesquisa conta com significativa presença de descendentes de poloneses e ucranianos que vivem na região, embora não formem comunidades organizadas do ponto de vista étnico.

Para o desenvolvimento da pesquisa, optamos por uma abordagem socioantropológica capaz de compreender o significado do cotidiano vivido, a visão de mundo daquele grupo social, bem como as normas que dominam seu meio.

Utilizamos a história oral, enquanto técnica, pautada nos conceitos de Meihy (2005) associada a aplicação de formulário semiaberto. A união de técnicas permitiu-nos o acesso às informações sobre o modo de vida dos interlocutores da pesquisa,

respeitando suas falas e visões de mundo com a verificação do contexto de vida do grupo analisado.

A pesquisa envolveu um universo de 56 entrevistas em formulário semiaberto aplicados junto aos descendentes de poloneses e ucranianos moradores das zonas rural e urbana dos três municípios que abrigaram a pesquisa. Para as entrevistas obtidas através da técnica da história oral foram convidados a participar somente seis colaboradores, quando foram considerados potenciais narradores com conhecimentos sobre todos os processos migratórios que envolveram suas famílias.

2 | A CONSTRUÇÃO DA PAISAGEM ARQUITETÔNICA DA ZONA DA MATA RONDONIENSE

[...] surge tanto na zona urbana como na rural uma produção de edifícios de madeira, perfeitamente adaptados às condições locais, que conseguiram resolver, apesar das adaptações, as necessidades de moradia e os mais diversos programas, que sob o imperativo da necessidade, buscava soluções mais simples e objetivas, às vezes, subordinadas a algumas regras construtivas que cada migrante ou imigrante trazia de seu antigo território. Aproveitando os recursos materiais locais, de modo a obter rapidez e facilidade construtiva, conseguiram criar, com a produção desta arquitetura uma linguagem própria capaz de expressar uma cultura arquitetônica local, dominando a técnica de trabalhar com madeira e criando um repertório arquitetônico rico e singular (ZANI, 2013: 7-8).

Para o leitor que conhece a paisagem e o histórico de ocupação recente da Zona da Mata Rondoniense, a citação de Zani (*op. cit.*) parece descrever caprichosamente a construção arquitetônica do espaço local, é possível observar pelo olhar a paisagem arquitetônica local e constatar a fidelidade da descrição. Entretanto, no texto acima, o autor descreve a condição de construção de outro espaço: o norte do Paraná das décadas de 1930 a 1970.

Não se trata de coincidências, o próprio fragmento do texto explica: a paisagem arquitetônica da Zona da Mata Rondoniense seria reproduções “subordinadas a algumas regras construtivas que cada migrante ou imigrante trazia de seu antigo território” Zani (*op. cit.*). Quando se finda o processo de construção das residências de madeira no norte e noroeste do Paraná, imediatamente ele passa a ser reproduzido em Rondônia pelos grupos migrados daquele estado.

Pelas concepções do autor, os espaços se constroem a partir de conhecimentos herdados e adquiridos pelos grupos sociais. As mesmas concepções são compartilhadas por Imaguire Jr. (1982: 7) ao estabelecer que “assim como a arquitetura é produto de uma sociedade, é válido também empreender-se o conhecimento dessa sociedade por sua arquitetura”. A arquitetura é, por assim dizer, parte da materialização de concepções de mundo manifestadas por um grupo, com adaptações, se necessárias, para o ambiente físico onde será reproduzida.

Um processo de construção socioespacial estará intimamente vinculado ao

hábitus, ao princípio gerador e unificador das práticas que quando manifestadas por um conjunto de agentes situados em condições homogêneas de existência, (re)produzirão práticas semelhantes (BOURDIEU, 2007), ainda que readaptadas ou ressignificadas para ambientes ecológicos diversos.

Este prisma teórico explica a abundância de casas de madeira na Zona da Mata Rondoniense, contudo, as questões econômicas e ambientais também fazem parte do arranjo de construção de uma determinada paisagem arquitetônica e devem ser contabilizadas na formação da paisagem. Neste sentido, os estudos de Imaguire Jr (1982, 1993) sugerem que a utilização das casas de madeira no Paraná pode ser compreendida por um conjunto de fatores como as práticas de construção trazidas da Europa como as casas de tronco sobrepostos dos poloneses, a abundância da madeira na região, a simplicidade das construções espontâneas e o baixo custo, permitindo assim, que esse tipo de moradia se tornasse acessível a todos.

Na Zona da Mata Rondoniense se fizeram presentes os mesmos elementos de ordem econômica e ambiental colocados por este autor, somados às heranças de processos sociais trazidos para a região pelos migrantes descendentes de escravos e acrescidos pelas concepções de formação da paisagem geográfica manifestada pelos demais grupos migrados assentados naquela região. Juntos, todos esses elementos justificam a construção local do espaço geográfico composto por uma paisagem rica em casas de madeira, em pequenos chalés, em cores fortes e ainda uma tímida insistência no emprego de lambrequins, como elemento decorativo para as fachadas de residências.

As casas são em maioria de madeira beneficiada com tábuas dispostas verticalmente. São comuns tanto as janelas de madeira, quanto as esquadrias de metal em conjunto com o vidro (estilo *vitroux* ou veneziana). Nos últimos anos, já são possíveis observar casas de madeira com janelas e portas em vidro temperado.

Devido a elevada umidade da região nos períodos chuvosos (outubro a maio), houve a adaptação para uma base em alvenaria que impede a deterioração da madeira exposta à proximidade do solo úmido, bem como a troca total do assoalho de madeira por pisos de cimento ou cerâmica. Esses tipos de pisos são mais adequados às elevadas temperaturas da região, contribuem para que o calor não seja muito intenso no interior das residências e não se deteriore com o excesso de umidade dos períodos chuvosos.

Costumeiramente, as casa da região têm estrutura em duas águas com inclinação média a partir do centro. É comum uma pequena quebra na linha de inclinação, o que de imediato lembra a “casa de polaco” que Zani (2013: 11) define como a “casa de madeira construída no Sul e Centro Sul com telhado empinado e com sótão, geralmente habitada por poloneses e ucranianos”.

A presença deste tipo de residência na parte meridional da Amazônia, aponta que na construção do espaço geográfico local, os movimentos migratórios foram e são responsáveis pela formação de distintas paisagens arquitetônicas que compõem

a totalidade amazônica.

Outra forma de moradia percebida na paisagem local, embora com presença tímida, é o chalé. Alguns deles foram adaptados às condições ambientais locais, outros têm estrutura arquitetônica idêntica aos encontrados no sul do país. Utilizam, com maior frequência, a cobertura em telha de amianto e neste caso, tornam-se impróprios ao espaço local onde prevalecem as elevadas temperaturas amazônicas.



Fig. 01: Presença do chalé presente na Zona da Mata Rondoniense

Fonte: PAULA, 2014.

Contudo, é salutar considerarmos que a sua presença funciona como mecanismo de territorialização afetiva da paisagem. Reproduzir as formas arquitetônicas no novo local de moradia é, pois, a forma de repossuir os valores perdidos dos objetos que ficaram para trás no momento da partida, tais como as casas (DARDEL, 2015).

3 | A ATUAL TRANSFORMAÇÃO DA PAISAGEM ARQUITETÔNICA LOCAL

A paisagem arquitetônica da Zona da Mata Rondoniense ainda apresenta um número abundante de casas em madeira, porém começa a sofrer uma reversão de cenário devido a alguns fatores de ordem econômica e legal. O fator principal é o elevado custo da madeira para esse tipo de construção nos dias de hoje, outra causa contribuinte para a transformação da paisagem é o fato de que as construções espontâneas ou autoconstruções tornaram-se proibidas pelas instituições públicas e organização de classe.

A obrigatoriedade da execução de uma obra administrada por um profissional especializado, tem levado ao aparecimento de residências em padrões totalmente

diferenciados das tradições arquitetônica das moradia que compõe a paisagem local. Na cidade de Rolim de Moura, já existem bairros completamente diferenciados do padrão geral de moradia da cidade. Neles, há somente casas com fachadas modernas, de linhas retas e em sua maioria dispostas latitudinalmente sobre o terreno.

Medidas institucionalizadas como estas, implantadas com objetivo de garantir a segurança e a sanidade da população, contribuem para a perda ou transformações no *habitus* manifestado por uma comunidade.

Dentro do grupo de entrevistados da zona urbana, 52,4% deles já residem em casas de alvenaria, 40,5% em casas de madeira e 7,1% em casas mistas, isto é, aquelas que apresentam uma parte dos cômodos construídos em madeiras e outra em alvenaria. Estas últimas são comumente resultantes dos processos gradativos de autoconstruções. O grupo foi chamado a opinar sobre suas preferências pela casa de madeira, as respostas foram agrupadas pelas semelhanças de opiniões constantes do quadro 01.

Se observarmos o conjunto de respostas formado pelos montantes de 28,6% e 26,1 % e que representam respectivamente o grupo que segue residindo em casas de madeira e o grupo que já não o faz mais, suas concepções são fundadas nas relações de pertencimento ao espaço da moradia, revelam sentimentos de bem estar, de aconchego, de reminiscências e que alguns deles descreveram como tradição.

Conjunto de respostas	V. a.	%
Já se adaptou em casa de alvenaria, não tem saudade da casa de madeira; não compensa mais construir em madeira.	13	31,0
Gosta muito de morar em casa de madeira; é mais fresca; é térmica; é mais aconchegante.	12	28,6
Mora em casa de alvenaria, mas tem saudade, pois a casa de madeira é aconchegante; é tradição.	11	26,1
Nunca morou em casa de alvenaria; não quer trocar.	05	12,0
Sempre morou em cada de madeira, mas quer trocar.	01	2,3

Quadro 01: Opinião dos descendentes de escravos moradores da zona urbana sobre as moradias em madeira.

Fonte: PAULA, 2014

Ao construir uma interessante análise sobre o espaço social e suas representações, Fernandes (1992: 72) dedica parte dessa análise para as representações do espaço da habitação, segundo ele “o ser humano transforma a habitação numa manifestação e num prolongamento de seu ser. O espaço habitado, enquanto lugar de intimidade é o mundo da acumulação da experiência”.

O prolongamento do ser, de que fala Fernandes é encontrado no sentimento do

grupo de entrevistados com relação às casas de madeira, quer para aqueles que ainda as habitam, quer para outros que já as deixaram. Fato é este tipo de moradia torna-se capaz de despertar manifestações de intimidade, de sonhos e recordações, pois a casa não vive apenas do dia a dia, ela guarda também os tesouros dos dias antigos, abriga o devaneio, protege o sonhador e permite sonhar em paz (BACHELARD, 1978).

Para guardar os tesouros dos dias antigos, ou para lembrá-los, as cores das casas dos descendentes de poloneses e de ucranianos da região são majoritariamente coloridas em tons fortes. Misturas inusitadas que num primeiro olhar parecem fugir de qualquer padrão estético, não costumam fazer parte dos arranjos de cores temporariamente utilizados pelo mercado da construção civil ou das tendências comerciais imobiliárias.

Culturalmente, a utilização de cores intensas estaria relacionada ao imaginário popular, em que as cores formam um conjunto de signos atuantes diretamente no sistema de crenças do povo eslavo, nos instrumentos de construção do mundo dos objetos que reconhecem o aspecto ativo do conhecimento (BOURDIEU, 2012).

Em conversa com uma descendente de poloneses, a mesma teceu um interessante comentário sobre o tema. Segundo esta interlocutora, o costume eslavo de colorir suas casas em tons fortes e variados estaria diretamente relacionada as antigas crenças da era pré-cristã. Os camponeses eslavos se utilizavam de cores fortes como estratégia para afastar as energias negativas ou mesmo os espíritos malfeitores que tencionavam atingir as famílias camponesas de alguma forma. Para a proteção familiar, as casas passaram a ser coloridas com cores fortes e diversificadas, se possível cada parede externa deveria receber uma coloração diferente. Uma das queixas de nossa interlocutora seria o abandono dessa prática, para ela, hoje a maior parte dos descendentes, tanto os moradores do Sul quanto os migrados para Rondônia, sequer conhecem esse costume. (Pesquisa de campo, Presidente Médici, 23/09/2014).

Num outro momento, foi possível comprovarmos tal desconhecimento, em conversa com uma participante da pesquisa, lhe questionamos o que a levou colorir sua casa de vermelho. Ela simplesmente nos respondeu que acha bonito, sem deixar transparecer que em sua preferência estivesse presente qualquer indício de alguma crença cultural (Pesquisa de campo, Nova Brasilândia do Oeste, 05/11/2014).

Contudo, este é mais um caso a expressar a reprodução do *habitus* eslavo, é matriz de percepção, embora de forma inconsciente. É também uma relação inconsciente de posse, originária “do mundo social a que estamos acostumados, quer dizer, para o qual e pelo qual somos feitos, que implica a posse do possuidor por aquilo que ele possui” (BOURDIEU, 2012: 83-84), as cores fortes se apossam dos gostos e preferências do possuidor, do indivíduo, tornando-se habituais ao seu ambiente de vivência.

Infelizmente não conseguimos encontrar qualquer referência teórica ou literária que ratificasse a fala de nossa interlocutora da cidade de Presidente Médici, muito

embora acreditamos ser procedente devido ao forte processo de transferência das simbologias pagãs ocorrido após a cristianização do Leste Europeu, como argumenta Zaluski (2016) todas as expressões religiosas e culturais dos antigos eslavos estavam sempre relacionadas aos ciclos da natureza, as estações do ano, ao início e término dos ciclos agrícolas, bem como a presença de elementos de encantamento ou magia vinculados as reações da natureza para reger o cotidiano da vida familiar ou do trabalho.

Essas características sobreviveram ao cristianismo e jamais deixaram de se manifestar no percurso do tempo transparecendo em vários ritos e tradições. No Brasil, os imigrantes eslavos e seus descendentes continuaram manifestando costumes comuns e a organizar seu espaço respeitando elementos de caráter religioso que têm raízes nesse passado remoto (ANDREAZZA, 1999).

As cores prediletas dos descendentes de eslavos, para as suas residências na Zona da Mata Rondoniense são os tons de verde, seguidos pelos tons de laranja, também são comuns o vermelho, o rosa/violeta e o amarelo, assim como as composições de verde-rosa, vermelho-branco, laranja-marrom, entre outras. Este cenário de cores pode ser observado tanto nas residências da cidade quanto naquelas localizadas na zona rural.

Quanto à organização do interior das residências, é capaz de expressar as concepções de mundo de seus moradores, suas crenças e religiosidade e que nos remete ao pensamento de Bachelard (1978: 200) quando assegura que “a casa é nosso canto do mundo. Ela é, como se diz frequentemente, nosso primeiro universo. É um verdadeiro cosmos. Um cosmos em toda a acepção do termo”, um espaço construído e organizado para sustentar um modo de vida particular.

Nas residências dos interlocutores da pesquisa, na cidade ou na zona rural, sejam as casas das famílias mais estruturadas financeiramente ou daquelas com menores recursos econômicos, encontramos uma rica variedade de elementos que evidenciam a presença e a manutenção da cultura eslava. Uma profusão de itens presentes que demonstram a manutenção do *habitus* camponês eslavo – as cores fortes, a disposição dos móveis, a presença constante de ícones sagrados, fotos antigas e calendários (folhinhas) com motivos religiosos distribuídos pelas paredes da sala.

São os antigos costumes camponeses presentes na decoração da casa e comprovam os vínculos do grupo pesquisado com o campo enquanto lugar de pertencimento, quer sejam as casas da zona rural quer sejam as da cidade.

Outro antigo costume presente nas casas dos descendentes de eslavos é a decoração de suas fachadas com pequenos formatos de lambrequins ou “pingadeiras de polaco”, como também são conhecidos os elementos recortados em madeira que dão um acabamento rendado aos beirais. São encontrados em habitações de diferentes grupos étnicos, mas constantemente nas casas polonesas (FOETCH, 2006: 92).

Uma definição mais técnica é registrada pelo arquiteto Imaguire Junior (1976) que dedicou bom tempo de suas pesquisas para a análise dos lambrequins,

Independente das formas que tenham tido no Velho Mundo, seguem aqui uma linha de evolução bastante clara: desde o simples corte em ângulo reto voltado para o solo, passando por inúmeras formas, saídas umas das outras até chegar a compor longos rendados, em que, se perde a função original. Essas peças de madeira, medindo ao redor de quarenta centímetros de comprimento, dificilmente são iguais. Dentro dos modelos mais frequentes, de elaboração média, a variação de seus elementos básicos – orifícios, extremidades, curvas – quase nunca coincidem (IMAGUIRE, 1976: 04)

Escrevendo para o Caderno G do jornal Gazeta do Povo de 28/08/2005 Koppe afirma ser possível identificar o estilo do lambrequim pela sua origem, as peças com desenhos em linhas retas, simples e quadradas são tipicamente de casas polonesas, enquanto os mais adornados são encontrados nas casas alemãs e os mais detalhados nas casas italianas.

Lambrequins em formas de simples corte em ângulo reto voltado para o solo, como descreve Imaguire Junior (1976), de formas quadradas e tipicamente polonesas como acrescentam as observações (jornalísticas) de Koppe (*op. cit.*) são os modelos encontrados nas fachadas de muitas casas da região. Não estão restritos às casas dos descendentes de poloneses e ucranianos, mas de maneira geral às casas construídas por paranaenses.

No período da pesquisa de campo encontramos uma casa, cuja fachada nos chamou a atenção, momento em que resolvemos verificar a história e a descendência da família moradora. O morador, próprio construtor da casa, nos revelou ser mineiro que viveu por longo período no Paraná onde aprendeu o ofício de carpinteiro e as decorações em lambrequins com um antigo carpinteiro de origem ucraniana. Migrando para a Zona da Mata Rondoniense, passou a reproduzir os lambrequins na construção de sua casa e nas demais em que ajudou a construir (Pesquisa extracampo, Rolim de Moura, 25/10/2014).

Em virtude da ampla utilização do amianto para cobertura das residências, foi possível estender os beirais para além do corpo da construção, assim os lambrequins locais perderam sua função prática, isto é, deixaram de servir como “pingadeira” para dar melhor vazão a água das chuvas, passando a ter somente função estética.

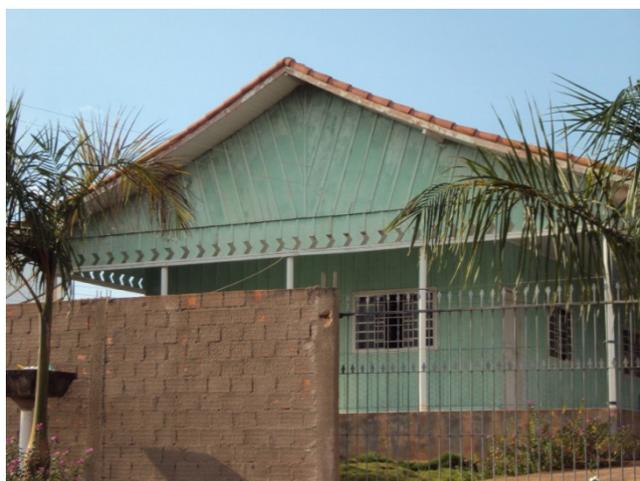


Fig. 02: Presença de lambrequins na paisagem arquitetônica local

Não se encontram modelos mais elaborados na paisagem arquitetônica local, no entanto, eles estão sempre presentes nas casas da cidade, nas casas da zona rural, bem como nas coberturas das porteiros de entrada das propriedades rurais.

Outra característica observada em boa parte das casas do grupo de descendentes de escravos que vivem na cidade é a presença de um paiol, uma pequena construção, geralmente em madeira, construída à parte do corpo da casa e aos fundos do terreno. É uma adaptação dos paióis camponeses utilizados para abrigar tanto os instrumentos agrícolas, quanto as colheitas. Na cidade são menores, funcionam como depósitos para utensílios que não possuem lugar de guarda no interior das residências como móveis velhos e descartados, abrigam todos os instrumentos agrícolas que as residências urbanas utilizam para os cuidados com as hortas e jardim, como enxadas, rastelos, machados e tantos outros.

Chamado pelos descendentes de escravos de “paiozinho”, é peça importante da residência urbana, pois permite que materiais em desuso temporário na residência, fiquem lá depositados, o que lhes assegura a possibilidade de reutilização num momento de emergência ou necessidade maior, neste caso, o “paiozinho” materializa a necessidade cultural do ato de guardar, frente ao medo da miséria manifestado pelo grupo.

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por se tratar de área de ocupação recente, está em curso na Zona da Mata Rondoniense a construção de sua identidade cultural. Nela é possível perceber um significativo conjunto de práticas da cultura eslava, embora se manifeste de maneira velada e por isso considerada uma “eslavidade de interior” – com espaço de manifestação no interior das famílias. Pouco visível no primeiro olhar determina que algumas características sejam observadas junto à população local, tais como o profundo apego à terra, a supervalorização do trabalho árduo como passaporte para consolidação da vida financeira ou a cultura do anti desperdício.

Contudo, o que se evidencia em maior ênfase é a presença material de elementos da cultura eslava na formação do espaço geográfico local, isto é, a construção de sua paisagem arquitetônica, a organização estética e funcional das residências e propriedades rurais, a profusão de cores fortes para colorir paredes. Da miniaturização do mundo, do campo manifestado nas casas da cidade, a exemplo da existência dos “paiozinhos” como resultado da manifestação do *habitus* camponês eslavo na população de descendentes de escravos migrados para a Zona da Mata Rondoniense.

Todo o conjunto de elementos da cultura eslava observado junto ao grupo em análise, nos permite concluir que, embora muitas influências de outras culturas

tenham se somado aos 130 anos de movimentos migratórios que atingiram os escravos e seus descendentes desde a chegada ao Brasil, o grupo que vive na Zona da Mata Rondoniense mantêm este conjunto de elementos culturais como forma de sentir-se mais territorializado afetivamente. Em outras palavras, construir e organizar sua moradia nos mesmos padrões de construção, organização e decoração que se davam no interior das pequenas vilas e colônias paranaenses nas quais viveram, fazem-lhes sentir que mantêm os laços afetivos com os seus antigos locais de moradia.

REFERÊNCIAS

- ANDREAZZA, M. L. **O paraíso das delícias**: um estudo da imigração ucraniana. Curitiba, Aos Quatro Ventos, 1999.
- BACHELARD, G. **A poética do espaço**. São Paulo, Abril Cultural, 1978.
- BOURDIEU, P. **A Distinção**: crítica social do julgamento. São Paulo, EDUSP, 2007.
- BOURDIEU, P. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro, Bertand Brasil, 2012.
- DARDEL, E. **O homem e a terra**: natureza da realidade geográfica. São Paulo, Perspectiva, 2015.
- FERNANDES, A. T. **Espaço social e suas representações**. IV Colóquio Ibérico de Geografia. Cidade do Porto, 1992. Disponível em: ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/artigo6661.pdf. (Consultado em 13/04/2016).
- FOETSCH, A. A. **Paisagem cultural e identidade**: os poloneses em Rio Claro do Sul, Mallet – PR. Curitiba, UFPR, 2006. Disponível em: acervodigital.ufpr.br/.../Alcimara%20Ap%20Foetsch. (Consultado em 28/18/2015).
- GUSMÁN, E. S; MOLINA, M. G. de. **Sobre e evolução do conceito de campesinato**. São Paulo, Expressão Popular, 2013.
- IMAGUIRE JUNIOR, K. **O Lambrequim**: Boletim Informativo. Curitiba, Fundação Cultural de Curitiba, 1976, nº 17, ano 3, em: www.lambrequim.net/textos.php?textos04. (Consultado em 05/04/2016).
- IMAGUIRE JUNIOR, K. **Arquitetura no Paraná**: uma contribuição metodológica para a História da Arte. Curitiba, Universidade Federal do Paraná, 1992. (Dissertação de Mestrado).
- IMAGUIRE JUNIOR, K. **A Casa de Araucária**: Arquitetura Paranista. Curitiba, UFPR, 1993.
- KAUTSKY, K. **A Questão Agrária**. São Paulo, Nova Cultural, 1996.
- KOPPE J. **Simbólico e poético**. Curitiba, Gazeta do Povo, 2005, caderno G, 28 ago.
- MEIHY, J. C. S. B. **Manual de História Oral**. São Paulo, Edições Loyola, 2005.
- SAQUET, M. **O(s) tempo(s) e o(s) território(s) da imigração no sul do Brasil**. In: SPÓSITO, E. S. [et al.] (orgs). **Geografia e migração**: movimentos, territórios e territorialidades. São Paulo, Expressão Popular, 2010.
- WOLF. E. R. **Sociedades camponesas**. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1976.

ZALUSKI, T., 2016, **Kolyady e schtchedryvky**: nome e origem. Prudentópolis/PR, Missionário Ucrâniano no Brasil, nº 2, fev., 2016.

ZANI, A. C. **Arquitetura e madeira**. Londrina/PR, EDUEL, 2013.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Agricultura urbana: 47, 49, 50, 51

Ambiente: 50, 74, 77, 79, 111, 129, 134, 196, 197

Análise de Conteúdo: 13

Arquitetura: 2, 5, 38, 53, 54, 57, 65, 66, 68, 79, 91, 113, 118, 120, 125, 133, 137, 146, 168, 173, 185, 188, 200, 210, 224, 233, 234, 236, 240, 247, 261, 266, 267, 278, 301, 303

C

Cartografia Social: 250, 251, 254, 259, 260, 262

Centro cultural: 289

Cultura: 33, 77, 99, 102, 103, 127, 151, 173, 189, 197, 253, 261, 262, 266, 269

E

Espaços Públicos: 162

Etnografia: 96, 99

I

Identidade: 91, 196, 250, 251, 275

M

Mapeamento Participativo: 250, 255

Monumentos Culturais: 264

N

Natureza: 68, 74, 130, 211, 218, 300

P

Paisagem: 7, 8, 9, 65, 68, 69, 70, 71, 73, 74, 75, 76, 77, 81, 88, 89, 91, 92, 94, 97, 99, 101, 102, 103, 104, 110, 111, 113, 125, 126, 129, 131, 132, 133, 146, 149, 150, 160, 162, 165, 172, 173, 175, 185, 188, 189, 190, 191, 196, 197, 200, 203, 205, 208, 210, 211, 224, 237, 250, 251, 253, 254, 257, 258, 259, 261, 262, 291, 292, 300, 304

Paisagismo: 304

Patrimônio Cultural: 75, 102, 103, 133, 154, 210, 253, 260, 262, 269, 270, 275, 303, 304

Pesquisa urbana: 304

Planejamento: 23, 65, 79, 89, 146, 149, 160, 213, 250, 251, 262, 303, 304

Política habitacional: 113, 304

Políticas Públicas: 197, 304

Projeto arquitetônico: 304

Proteção urbana: 304

S

Sustentabilidade: 50, 304

T

Território: 79, 250, 251, 304

U

Urbanismo: 2, 5, 38, 53, 65, 68, 79, 91, 113, 120, 125, 137, 146, 159, 168, 173, 188, 200, 224, 233, 236, 261, 266, 267, 278, 281, 290, 303, 304

Urbano: 10, 24, 58, 59, 89, 139, 146, 147, 210, 213, 227, 228, 304

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-485-6

